

Apresentação a “Observações sobre o Discurso que foi coroado em Dijon” de G.-T.-F. Raynal

Ciro Lourenço Borges Júnior¹

Guillaume-Thomas-François Raynal é geralmente conhecido apenas por Abade Raynal: epíteto decorrente de sua carreira eclesiástica, iniciada já em sua educação junto aos jesuítas de Rodez². Nascido em 1713, em pleno *Século das Luzes*, Raynal exerceu diversas atividades, de modo que é arriscado eleger uma visando classificá-lo. Antoine Jay inicia seu *Précis historique sur la vie et les ouvrages de l'abbé Raynal* definindo-o como “um dos escritores filósofos mais célebres”³ de seu século. Conforme analisa suas obras, todavia, Jay percebe que o Abade não contribuiu propriamente ao pensamento filosófico daquele tempo: “que se recuse admitir este escritor entre os autores clássicos, eu o consinto: ele tem seu lugar reservado entre os homens de gênio e os defensores da humanidade”⁴. De qualquer modo, “homem de gênio” e “defensor da humanidade” são definições que se devem, sobretudo, à sua grande obra *História Filosófica e Política das Possessões e do Comércio dos Europeus nas duas Índias*. Tal obra, embora visasse “um tom mais filosófico”, traz “visões diversificadas e às vezes contraditórias”⁵ na qual se tem relatos diversos imiscuídos de reflexões filosóficas, morais e políticas,

1 Mestrando no Departamento de Filosofia da USP e membro da comissão editorial dos *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. E-mail: cirolourenco@yahoo.com.br

2 Cf. COUVREUR, Abbé Guillaume-Thomas Raynal. In: TROUSSON, Dictionnaire..., p. 787.

3 JAY, Précis historique..., p. 203.

4 JAY, Précis historique..., p. 257-258.

5 SOUZA, O abade ilustrado e o Brasil, p. 9.

porém, imbuídas de um caráter muito mais humanitário do que propriamente especulativo. Assim, a grande contribuição do Abade Raynal para o *Século das Luzes* advém, além da já citada *História das Índias*, de uma série de abordagens críticas sobre a história (é o caso da *Histoire du Statboudérat*, sobre as revoluções civis ocorridas na Holanda, e a *Histoire du Parlement d'Angleterre*).

A tradução que aqui se oferece não pretende contribuir diretamente para uma divulgação e esclarecimento do pensamento do Abade Raynal, afinal, sua concepção se deu menos pela sua atividade de escritor e historiador do que pela atividade de diretor e redator do jornal *Mercur de France* – cargo que lhe foi confiado, sobretudo, devido a certa notoriedade em meio à sociedade letrada francesa conseguida com a publicação de algumas obras, nas quais teria demonstrado algum talento.

O que se pode dizer, todavia, acerca das *Observações sobre o Discurso que foi coroado em Dijon*? Em primeiro lugar, sua história se inicia em outubro de 1749, com a veiculação de um concurso da Academia de Dijon para o prêmio de moral de 1750 pelo *Mercur de France*. Raynal, por sua vez, assume a direção do jornal somente em julho de 1750, mesmo mês em que os discursos concorrentes já eram então submetidos aos juízes⁶. Dentre estes, se encontrava o *Discurso sobre as ciências e as artes* (ou somente *Primeiro Discurso*) de Jean-Jacques Rousseau que, em agosto, seria coroado vencedor e então objeto das *Observações* do Abade.

Em segundo lugar, em relação à forma e o conteúdo das *Observações*, há algumas ponderações que devem ser feitas, afinal, pode-se afirmar que se trata de um simples texto informativo, ou ainda, “uma síntese, escrita por Raynal, das críticas enviadas por leitores”⁷ ao *Mercur*? Ou, por outro lado, trata-se de uma visão particular do autor imiscuída às opiniões dos leitores? A leitura das *Observações* de Raynal ou da própria resposta de Rousseau⁸ não capacita o leitor se decidir, afinal, as teses do filósofo genebrino repercutiram negativamente em praticamente todas as academias e salões onde reinavam as letras, de modo que o coro geral não era senão de censura. Parece razoável, afinal, que

6 BOUCHARD, L'Académie de Dijon et le Premier Discours de Rousseau, p. 101.

7 ROUSSEAU, Discurso sobre a origem..., p. 115, nota da tradutora.

as *Observações* contenham tanto as reflexões do próprio Abade⁹, como que abarquem, de fato, a opinião geral dos leitores do jornal.

Evitando rodeios, portanto, qual seria o real valor das *Observações sobre o Discurso que foi coroado em Dijon*? Esse texto é valioso fundamentalmente para os estudiosos de Rousseau e, sobretudo, para uma justa compreensão do *Discurso sobre as ciências e as artes*, pois, apesar das várias transcrições das objeções que Rousseau faz em suas próprias respostas, as edições desta obra trazem somente as respostas e furtam ao leitor a possibilidade de entender o debate entre Rousseau e seus adversários. Tal condição impede ainda que se compreenda a própria evolução que os conceitos sofrem desde o *Primeiro Discurso* até a considerada última resposta, concebida como um prefácio à sua peça *Narciso*.

Assim, ao se apresentar a tradução desse primeiro texto que surge como objeção ao *Primeiro Discurso* de Rousseau, tem-se a intenção de frisar a importância não somente de se ler as respostas de Rousseau a algumas objeções surgidas com a polêmica causada pelo *Discurso*, mas, noutro sentido, também chamar a atenção para a leitura das próprias objeções, que são, por sua vez, o contraponto necessário para a justa compreensão de toda a amplitude de questões geradas nessa polêmica, ou mesmo, concorrer para dirimir certas imprecisões na maneira de se interpretar o pensamento de Jean-Jacques nessa obra.

Nesse sentido, toma-se aqui uma passagem certamente crucial e que de certo modo ilustra bem o que se acabou de dizer. Segundo Raynal, os leitores solicitam que Rousseau “deveria definir o ponto de onde parte para designar a época da decadência”, ao que este responde: “Fiz mais, tornei minha proposição geral; situei esse primeiro grau da decadência dos costumes no primeiro momento da cultura das letras em todos os países do mundo, e percebi que o progresso destas duas coisas é sempre proporcional.”¹⁰ Quando Delaruelle¹¹ afirma, portanto, que Jean-Jacques teria utilizado os historiadores antigos de forma inverossímil,

8 Lettre à Monsieur L'Abée Raynal. In: ROUSSEAU, Œuvres Complètes, T. III, p. 31-33 e, em português, ROUSSEAU, Discurso sobre a origem..., p. 115-118.

9 É o que Coleman e Bouchardy imaginam ser o mais provável (Lettre à M. L'Abée Raynal, In: TROUSSON, Dictionnaire..., p. 510; e Œuvres Complètes, T. III, p. 31, note 1, respectivamente).

poder-se-ia concluir que, diante da objeção e resposta apresentada, trata-se de uma observação, ao menos, inapropriada, pois, a questão proposta pela Academia não é tratada por Rousseau como uma questão ligada a uma verdade histórica, tampouco de erudição. Essa mesma postura se mantém, enfim, na resposta ao Sr. Gautier que, enumerando diversos povos viciosos, porém não eruditos, Rousseau lhe responde: “Se o Sr. Gautier houvesse tido os mesmos cuidados em me mostrar algum povo erudito que não fosse vicioso, ter-me-ia surpreendido mais”¹², ou seja, a proposição geral estabelecida no *Discurso* permanece irrefutada.

Referências bibliográficas

- Dictionnaire de l'Académie française*. 2 Tomes. Troisième éd. Paris: Jean-Baptiste Coignard Imprimeur, 1740. *Fac-símile*. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 26? ?nov. ?2008.
- Dictionnaire de l'Académie française*. 2 Tomes. Quatrième éd. Paris: Bernard Brunet Imprimeur, 1762. *Fac-símile*. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 26? ?nov. ?2008.
- delaruelle, Louis. Les sources principales de J-J Rousseau dans le premier Discours à l'Académie de Dijon. *Revue d'histoire littéraire de la France*, Paris, 19^e année, p 245-271, 1912.
- Jay, Antoine. Précis historique sur la vie et les ouvrages de l'abbé Raynal. In: *Œuvres Complètes de M. A. Jay*. Tome IV. Paris: Sauvaissant, 1839. *Fac-símile*. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 04 nov. 2009.
- Rousseau, Jean-Jacques, *Œuvres Complètes*. 5 Tomes. Paris: Gallimard, 1957-1995. Bibliothèque de la Pléiade.
- _____. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

10 *Œuvres Complètes*, T. III, p 32.

11 delaruelle, Les sources principales..., p. 247-248.

12 *Œuvres Complètes*, T. III, p. 62.

- raynal, Guillaume-Thomas-François. Réponse au Discours qui a été couronné à Dijon. In: Rousseau, Jean-Jacques; et al. *Les avantages et les désavantages des sciences et des arts considérés par rapport aux mœurs ; en plusieurs Discours, Lettres, etc. où le pour et le contre sur cette importante matière est débattu à fonds*. 2 Tomes. Londres: Aux Dépens de la Compagnie, 1756. *Fac-símile*. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 04 abril 2009.
- _____. Réponse au Discours qui a été couronné à Dijon. In: Trousson, Raymond. *Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2000. Mémoire de la Critique.
- Souza, Maria das Graças de. O abade ilustrado e o Brasil. *Jornal de Resenhas – Folha de São Paulo/Discurso Editorial*, São Paulo, 10 out. 1998. p 9.
- Trousson, Raymond; Eigeldinger, Frédéric (org.). *Dictionnaire de Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Honoré Champion, 2006.

TRADUÇÃO

Observações sobre o Discurso que foi coroado em Dijon

Guillaume-Thomas-François Raynal
(Tradução de *Ciro Lourenço Borges Júnior*)

O autor do discurso acadêmico que obteve o prêmio da Academia de Dijon é convidado por pessoas interessadas pelo bom e pelo verdadeiro que ali reinam, a publicar este tratado de forma mais ampla, tal como tinha projetado e então suprimido.

Espera-se que nesta obra o leitor encontrasse esclarecimentos e modificações a várias proposições gerais, suscetíveis de exceções e restrições. Tudo isso não poderia entrar em um discurso acadêmico, limitado a um curto espaço. Talvez esta espécie de estilo também não admita tais detalhes, além do que parecer-se-ia desconfiar excessivamente das luzes e da equidade de seus juízes.

É isto que pessoas bem intencionadas quiseram que certos leitores, erçados pelas dificuldades e talvez mal-humorados por ver o luxo tão vivamente atacado, compreendessem. Leitores que protestaram contra o que autor, segundo eles, parece preferir: a situação que estava a Europa antes da renovação das ciências, estado pior que a ignorância em função do falso saber ou do jargão escolástico em voga.

Acrescentam que o autor prefere a rusticidade à polidez e que é inclemente¹³ com todos os sábios e os artistas. Dizem ainda que ele deveria definir o ponto de onde parte para designar a época da decadência e, remontando a esta primeira época, comparar os costumes

13 Raynal utiliza a expressão *faire main basse* que, de acordo com o Dicionário da Academia Francesa, na edição de 1740 e de 1762, é usada “para dizer tratar com rigor (ne donner point de quartier), passar pelo fio da espada”. Expressão curiosa, pois transmite ao Discurso de Rousseau o rigor de um letrado que busca a verdade e o barbarismo do guerreiro que faz sucumbir seu inimigo pela sua espada. Relação que buscamos manter com o termo inclemente.

daquele tempo com os nossos. Sem isso não veremos até onde é preciso remontar, a menos que seja ao tempo dos Apóstolos.

Dizem mais: em relação ao luxo, é sabido que, em boa política, ele deve ser proibido nos pequenos Estados, mas que no caso de um reino como a França, por exemplo, é totalmente diferente. As razões são conhecidas.

Enfim, eis o que se objeta: que conclusão prática se pode tirar da tese sustentada pelo autor? Quando se lhe concede tudo que expõe sobre o prejuízo do enorme número de sábios e, principalmente, de poetas, pintores e músicos, bem como, ao contrário, sobre o pequeníssimo número de trabalhadores; isto é algo, digo eu, que concordaríamos sem dificuldade. Mas que uso se tiraria disso? Como remediar esta desordem, tanto da parte dos príncipes como da parte dos particulares? Aqueles podem tolher a liberdade de seus súditos em relação às profissões que eles escolhem para si? E quanto ao luxo, as leis suntuárias que eles poderiam criar jamais remediariam profundamente; o autor não ignora tudo que seria preciso dizer sobre isso.

Mas o que concerne mais propriamente à maioria dos leitores é saber qual partido podem eles mesmos tomar na qualidade de simples particulares; e este é, com efeito, o ponto fundamental, pois se se pudesse conseguir que cada indivíduo viesse a concorrer voluntariamente para o que exige o bem público, esse concurso unânime formaria um todo mais completo e incomparavelmente mais sólido que todas as regulamentações imagináveis que as autoridades pudessem estabelecer.

Eis um vasto caminho aberto ao talento do autor e, dado que a imprensa funciona e funcionará de modo verossímil (o que quer que se diga sobre isso), sempre mais ao serviço do frívolo e de algo ainda pior do que ao serviço da verdade, não é justo que cada um que tenha melhor percepção e talento concorra, por sua vez, para estabelecer todos os pormenores de que é capaz?

Há casos, aliás, que um segundo escrito é mais notável para o público do que o primeiro. Não há tantos leitores aos quais se possa aplicar este provérbio: *A bom entendedor meia palavra basta*. Não se poderia revelar com tamanha clareza verdades que confrontam tão diretamente o gosto geral, e é importante afastar toda querela chicaneira.

Há também vários leitores que as apreciarão mais num estilo mais simples do que nesta indumentária cerimoniosa exigida para os discursos acadêmicos. E o autor, que parece desdenhar de todo ornamento vão, o preferirá sem dúvida, uma vez liberado de uma forma sempre incômoda.

P.S.¹⁴: Sabe-se que um acadêmico¹⁵ de uma das boas cidades da França prepara um discurso para refutar aquele do autor. Aí introduzirá sem dúvida um artigo contra a supressão total da imprensa, a qual várias pessoas entenderam ser extremamente exagerada.

14 Post-scriptum

15 Trata-se possivelmente da refutação escrita por Joseph Gautier e publicada no *Mercure de France* de outubro de 1751.